

O KUARUP QUE VOCÊ VAI VER NO CINEMA

As locações no Xingu terminaram com a cerimônia do Kuarup encenada pelos iaulapiti, com muitos convidados caraiabas. Por Isa Cambará, enviada especial.

Kuarup, o filme, vai custar uma nota que o autor do livro homônimo em que a fita se baseia, Antonio Callado, nem imaginaria: cerca de cinco milhões de dólares. Um filme caro para os moldes brasileiros, mas barato nos internacionais. O filme **A Missão**, por exemplo, custou cerca de 20 milhões de dólares, há alguns anos, aos seus produtores. Por trás de **Kuarup**, apoiando o talento de Ruy Guerra, a produtora Grapho. Por trás da Grapho, dois mineiros (radicados em São Paulo) e um carioca: Roberto Fonseca e Paulo Brito (ambos da Cotia Trading, que, segundo eles, não tem absolutamente nada a ver com o filme) e Fernando Bicudo.

As filmagens vão até o final de outubro, mas a parte mais difícil, a do Xingu, termina esta semana. Mais difícil em todos os sentidos. Para montar o acampamento em que vivem, há três meses, os 120 integrantes da equipe, foi organizado um verdadeiro safari. Uma caravana de dez caminhões carregou 50 toneladas de equipamento (de compensados de madeira a vasos sanitários, passando por gerador elétrico e bomba de água) do Rio até a fazenda Sayonara, que faz limite com o Parque Nacional do Xingu, onde o filme está sendo rodado.

De lá, até o parque, tudo foi transportado de balsa, durante três dias. Para montar o acampamento, foram convocados homens da cidade mais próxima, Canarana, em Mato Grosso do Sul (a uma hora de táxi aéreo). Os produtores fazem questão de desmentir as acusações de uma funcionária da Funai, que denunciou que os iaulapitis estariam sendo explorados, trabalhando a Cz\$ 1 mil cruzados por dia como trabalhadores braçais. Segundo Roberto Fonseca e Fernando Bicudo, os índios foram contratados para trabalhar como figurantes e atores, não como trabalhadores.

A produtora Grapho fez dois contratos: um com a Funai e outro com o cacique Arifãia, da tribo iaulapiti. O valor do contrato com a Funai não é revelado, mas o acordo com Aritana — na base da boca-a-boca — inclui a doação das duas caminhonetes Toyota que servem à equipe, vários barcos, bicicletas, material de cozinha. As caminhonetes, os barcos e as bicicletas, de acordo com Aritana, serão distribuídos entre outras tribos que participam das filmagens, como os Ticões e os Kuikuros. Os ticões — tidos como bravos — já cobram o seu (um barco) e já levaram, na base da ameaça.

Ainda de acordo com os acertos com Aritana, as instalações hidráulica e elétrica do acampamento dos caraiabas serão transferidos para o posto Leonardo Villas-Boas, que está quase que inteiramente abandonado pela Funai. Por isso, não só os produtores, mas atores do elenco, como Vinicius Salvação (que vive Gouvea, o jornalista), acham que a Funai deveria fazer como o macaco, olhar antes o próprio rabo, antes de anunciar "explorações" dos índios.

Um índio que atua como figurante ganha mais do que eu, fazendo a mesma coisa: no Rio ou em São Paulo", diz Salvatore. Com ele concorda o produtor Roberto Fonseca: "Cada figurante que entra mudo e sai calado; ganha Cz\$ 3.200,00 por dia. Quando tem fala, o pagamento sobe para Cz\$ 3.400,00. E quando se trata de um papel maior, como os dos caciques, paga-se Cz\$ 30 mil cruzados por dia de trabalho. Basta verificar a tabela nos sindicatos de artistas para ver que não estamos explorando ninguém".

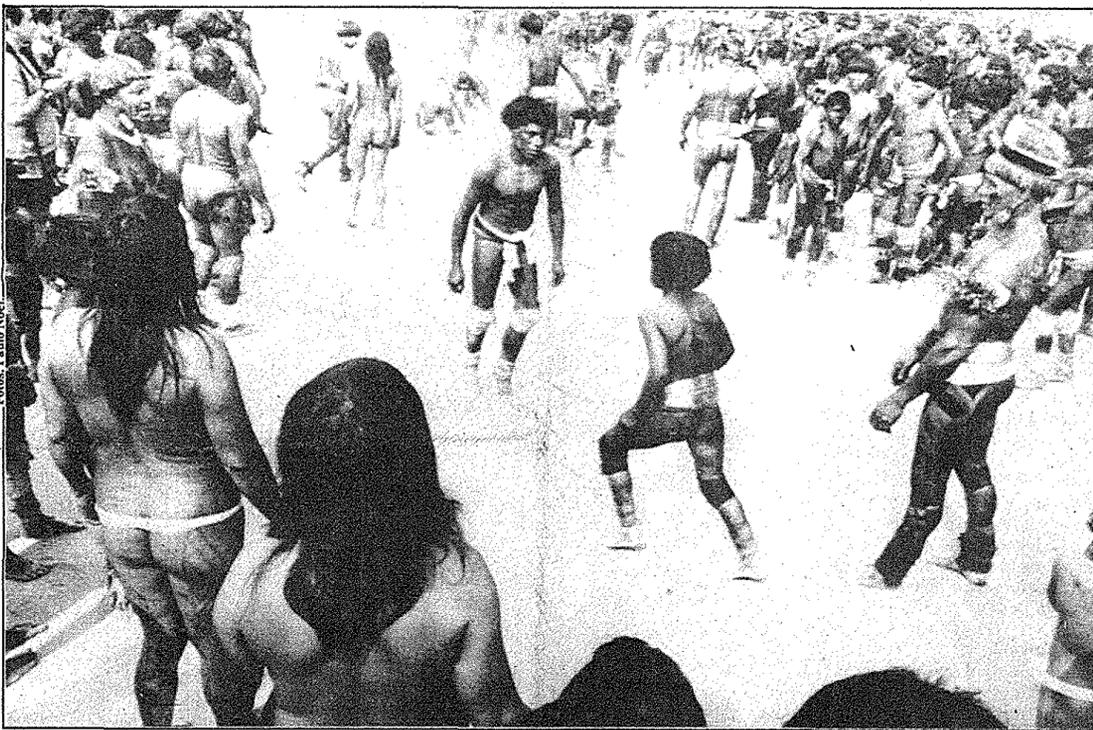
Sandra e Aritana: apenas bons amigos.

Dizem que ela é a verdadeira Sônia, o personagem do livro de Antonio Callado que foge para o mato com um índio. Mas a inglesa Sandra Wellington nega. É verdade que ela vive alguns meses por ano na maloca de Aritana, o chefe iaulapiti que já foi até personagem e título de novela na extinta TV Tupi (com Carlos Alberto Ricelli no papel principal). Mas ambas entram naquela que qualquer cara-pálida conhece: "Somos apenas bons amigos".

Na verdade, Sandra é uma ótima amiga: anota, num caderno, quantas horas por dia cada índio trabalha na filmagem, orienta Aritana, bate boca com produtores e equipe por nada. Às vezes, parece um d. Quixote lutando contra moinhos de vento. Mas, Aritana gosta. E diz que ela faz o traje Londres-Xingu todos os anos porque é convidada dele. As suas três mulheres, segundo os fofoqueiros da tribo, não gostam nada desse vaivém de Sandra, mas não abrem o bico. Como brinca Roberto Bonfim, índia é aquela mulher que conhece seu lugar.

Sandra foi ao Xingu, pela primeira vez, em 1968, quando tinha 20 anos. O objetivo era estudar a pintura corporal dos iaulapitis, mas parece que a inglesa dedicou-se mais ao estudo do corpo do que da arte. E, assim, voltou em 1972 para repetir a dose. Faz isso até hoje. No momento, está há cinco meses no Xingu e só vai retornar à sua base quando Aritana determinar. "É ele quem sabe".

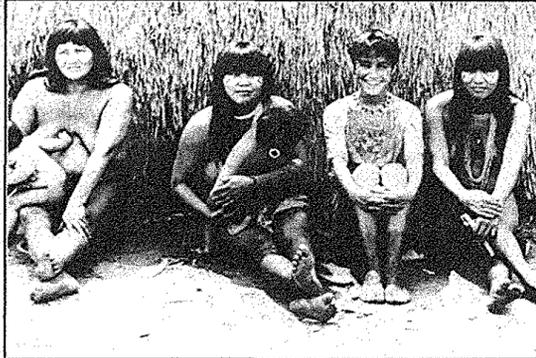
Nessa viagem, Sandra trouxe equipamento de rádio e um painel solar para a tribo. Índio não quer mais saber de apito nem de espelho. E Sandra sabe disso. Bata-lhou e conseguiu o equipamento com duas empresas inglesas. E índio já sabe o que vale o carinho de uma inglesa. Tabata, um dos chefes dos Kuikuros, está aprendendo inglês com uma antropóloga que faz pesquisa em sua aldeia.



A cerimônia do Kuarup, sem chinélos de dedo.



Os iaulapitis não estranharam o balão.



Lucélia Santos entre índios iaulapitis.

No acampamento, um altíssimo astral.

Na zona Sul, o som pode ser de Kitano, Caetano ou Jethro Tull. Na zona Norte, o sambão rola solto. Na praia do Bonfim, na zona Sul, pode-se surpreender o topless discreto de Lucélia Santos. Na zona Norte, peito de fora não faz o menor sucesso. Explica-se: a quase totalidade dos habitantes é de homens. Zona Norte, zona Sul, dunas do Bonfim. Mas, não se trata do Rio. O local é o acampamento armado para abrigar a equipe de Ruy Guerra, no Alto Xingu. E o Bonfim que deu nome à praia, é simplesmente o dublê de ator e peão Roberto Bonfim.

É claro que na carteira de trabalho de Bonfim não há nada em relação a trabalho braçal. Mas foi o que ele fez, antes do início das filmagens. Sem lenço, mas com documentos, mandou-se para o Xingu um mês antes de Ruy Guerra, fugindo dos convites para fazer no vela. Lá, meteu-se com a peãozada, capinou mato, abriu duas praças, armou barracas. No final, foi um custo-convênier os outros peões de que era ator.

Mas valeu a pena. O acampamento, que chamam de "Baixo

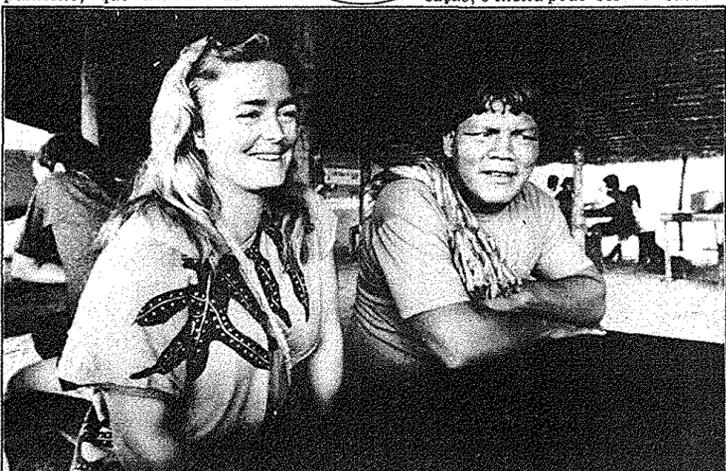
Xingu", é uma graça. Tem os confortos da cidade (luz elétrica, água corrente, banheiros improvisados, mas decentes e limpos, excelente comida e, principalmente, um altíssimo astral. Nas barracas, a prova de que o pessoal está lá há muito tempo: cortinas (que podem ser de retalhos ou de lenças de Bali, dependendo do morador), estantes (de compensado e tijolos, por exemplo) que guardam de livros a produtos de beleza, plantas, redes e até decks. Isso mesmo. O de Cláudio Mamberti, por exemplo, é invejadíssimo. Feito, como os outros, de troncos de árvore, tem rede, cadeira de praia e, à noite, muito som. Ali, a noite é sempre uma festa.

As festas, aliás, rolam sempre nas vésperas das folgas. Sem bebida alcoólica porque a Funai — e a produção — proibem o uso de álcool no parque. Mas, a bem da verdade, às vezes pinta uma malocada entre os pertences de algum visitante. Ai, a festa vai até de manhã. Muito na base da conversa porque, como as mulheres são minoria, não há clima para dança. Em compensação, o menu pode ser na base de

queijos e frutas. Um luxo, facilitado pelos vãos diários que levam mantimentos, cartas, equipamentos.

O refeitório — montado num galpão com cobertura de sapê — mantém um cardápio que não faria feio junto a nenhum representante de uma dessas cuisines da vida. Sempre há arroz, feijão, verduras e legumes e carnes (de boi, de aves e até de soja, para naturalistas como Lucélia Santos).

Há dois cardápios: o dos naturebas (esnobado pelos visitantes, em geral) e a dos carnívoros (disputadíssimo até pelos índios, que entram na fila como todos). A turma da cozinha — 11 pessoas — foi recrutada no Rio e em Canarana, a cidade mais próxima. Trabalham mais do que ninguém — quando acaba o café (em que fazem até o pão), começa o almoço e, depois, emendam o jantar —, mas são amadíssimos. Eles merecem. Na última sexta-feira, por exemplo, armaram, altas horas da noite, quando deveriam estar descansando, uma festa para comemorar o final do Kuarup. Teve pavê, torta de limão, bolo de abacaxi e até vela para Ruy Guerra apagar. Só faltou, como lembrou Cláudio Mamberti, um gozador, o Ki-suco.



Sandra e Aritana: ele é quem manda.



O produtor Bicudo e Tomie Ohtake

Convidados muito especiais. Tomie Ohtake, por exemplo.

Tomie Ohtake — um dos grandes nomes das nossas artes plásticas — nem piscou quando recebeu um convite do amigo Fernando Bicudo para assistir ao **Kuarup**. Detalhe: Tomie tem 75 anos e tinha acabado de chegar do Japão. Mas juntou os trapinhos e rumou novamente para o aeroporto. Ao todo, cerca de 30 horas de viagem, quase ininterruptas, entre Tóquio e o Xingu. Mas Tomie achou que valeu a pena. Gostou tanto que volta e meia, diz: "Ainda não sei se é sonho ou realidade".

Dúvida partilhada por outra figura considerada no ramo, o pintor português Julio Pomar que — com sua mulher, Teresa — baixou de armas e bagagens no acampamento por dois meses. Direto de Lisboa para o Xingu. Pomar, que não brinca em serviço, foi à festa de bloco e caneta

nas mãos, para registrar o que via. Como Tomie, adorou. Não foram os únicos. Artistas como Débora Bloch, ecologistas como a inglesa Amy Pickford, jornalistas europeus e brasileiros fizeram coro com Tomie e Julio.

Os convidados, aliás, tinham motivos para estarem felizes: os convites não apenas para o **Kuarup**, mas para toda a filmagem — que começou em junho e está no final (a parte do Xingu) —, foram raros. Ao contrário do que muitos colunáveis pensavam, o fato de Fernando Bicudo — empresário, ex-diretor da ópera do Teatro Municipal do Rio, cargo que lhe garantiu muito espaço na imprensa — ser um dos produtores do filme, não lhes facilitou a vida. Ao contrário. "Não confundo trabalho com relações sociais", diz Bicudo, "e nem passa-

ria pela minha cabeça transformar o Parque Nacional do Xingu num local de badalação".

Assim, nomes como d. Joãozinho de Orleans e Bragança tiveram de conformar-se e ficar na cidade. O príncipe, aliás, teria outros motivos, que não a badalação, para ir ao Xingu: é excelente fotógrafo. Mas Bicudo abriu a guarda: "Se convidasse o Joãozinho, que é meu amigo, teria de abrir para outros". Por isso, barrou os socialites da festa do **Kuarup**. E do Xingu. A única exceção ficou por conta de Claude Amaral Peixoto — figura obrigatória nas colunas sociais cariocas — que não conseguiu ir ao Kuarup, mas passou o fim-de-semana anterior no Xingu. Porém, segundo Bicudo, não foi como socialite: "Ela nos ajudou muito no festival de Cannes (Claude é

francesa), abriu muitas portas para que fizéssemos contatos necessários à produção. O convite foi uma retribuição".

O jogo de Bicudo é duro. Desde o final de junho, quando Ruy Guerra instalou-se no Xingu, foram poucas as figuras famosas a pisar por lá. Entre elas, a atriz Ruth Escobar, o diretor Walthin Salles Jr, o pintor Thomas Ianelli. Dizem que o gênio de Ruy Guerra tem a ver com isso, também. O diretor não dá muita bola para os convidados, cumprimenta os artistas, dá entrevistas para jornalistas só quando arranja tempo (mas, com a maior boa vontade, diga-se de passagem) e não se mete em badalações. Só deu colher-de-chá para Antonio Callado, autor do livro em que se baseia o filme. Callado esteve no Xingu há cerca de 15 dias.

Três dias de festa. E a equipe na lona.

Os antropólogos mais radicais provavelmente torceriam o nariz para um **Kuarup** — cerimônia religiosa indígena — feito em homenagem a mortos de 30 anos atrás. Afinal **Kuarup** é sempre em homenagem a morto recente. Mas, os índios iaulapiti, do Parque Nacional do Xingu, e os cerca de 40 caraiabas convidados para a festa pela produção do filme **Kuarup**, de Ruy Guerra, adoraram. As razões dos brancos são óbvias: quem iria perder uma oportunidade dessa? E as dos iaulapitis também não são complicadas, como explicou seu cacique, Aritana.

— Há muito tempo, eu não via um **Kuarup** como os antigos. Agora, índio vai de relógio no pulso, de chinelo de borracha no pé. Mas, o pessoal do filme fez tirar tudo isso. E o **Kuarup** ficou mais bonito.

E o "pessoal do filme", destruído. Depois de três dias de festa (quarta, quinta e sexta-feira passadas), os integrantes da equipe de Ruy Guerra — que estão no Xingu há três meses — estavam literalmente acabados. Não era para menos. A cerimônia, na verdade, começou com os preparativos, na noite de terça-feira, quando os iaulapitis levaram para o centro da aldeia os três troncos que simbolizavam os mortos pelos quais choraram boa parte da madrugada.

No dia seguinte, mais choro, cantos, danças em homenagem aos mortos ilustres (**Kuarup** não é para qualquer um). E o pessoal da equipe de olho aberto nas transgressões do vestuário. Na quinta-feira, o choro virou festa: chegaram os convidados, os Kuikuros, em grande número, com mulheres e crianças e alguns camaiurás. A atração do dia: a luta Kuka-Kuka, com os guerreiros pintados de urucum e contendo com a torcida exacerbada das mães. Perto da algazarra das índias, qual quer "Gaviões da Piel" perde.

Na "platéia", jornalistas, artistas, ecologistas, amigos dos produtores suavam com uma temperatura que estava mais para o Senegal do que para o Xingu. Num canto da aldeia iaulapiti, uma presença estranha na paisagem, um balão usado para tomadas de cena do alto pela equipe encarregada de fazer o **making**, um documentário sobre as filmagens. Para a tranquilidade dos antropólogos radicais: os índios não estranharam o balão (alguns até fizeram questão de subir nele), e, depois de meia-hora, até o esnobavam. A maioria, aliás, já tinha visto um, quando Roberto Carlos andou por lá num semelhante, gravando um especial.

Por isso, preferiram voltar à festa, com mais danças. No dia seguinte, o encerramento do **Kuarup**, com o lançamento dos troncos nas águas do rio Tuatuari. Mas, final de festa, mesmo no Xingu, é sempre a mesma coisa. Para fazer com que todos os índios participassem da cerimônia, a equipe de Ruy Guerra sofreu um bocadinho. Os índios queriam ir até o final (até porque, para eles, aquilo não era uma encenação), mas ninguém queria carregar os troncos. Afinal, aqueles mortos já tinham tido, na época certa, os seus **Kuarups** e os guerreiros estavam cansados (para a filmagem, não foram repetidas as partes religiosas da festa, mas outras, como as lutas, foram filmadas e refilmadas muitas vezes). Mas, felizmente, depois de muitos acertos na língua nativa (aparentemente, do tipo "toma que o tronco — ou o morto — é teu"), o **Kuarup** teve um final feliz.

TRABALHO DE ÍNDIO: GUERRA ACEITOU.

Transpor o romance de Antonio Callado para o cinema: um desafio que Ruy Guerra perseguiu por 15 anos. Entrevista concedida a Isa Cambará.

A tarefa de passar para a tela um dos livros que marcou não apenas a literatura brasileira, mas o histórico final da década de 60, não poderia ser feita senão por um guerreiro. Um Leão com ascendente em Leão está enfrentando o desafio de transpor **Kuarup**, de Antonio Callado, para o cinema. Aos 57 anos, completados no Xingu, Ruy Guerra volta a atacar. Com todas as armas. Se necessário, até com arco e flecha.

Falar com Ruy Guerra é fácil. Difícil é fazê-lo parar. Quando não está filmando, está enfiado na sua barraca/escritório, comandando um microcomputador, que memoriza do roteiro a detalhes da cenografia. A dedicação ao trabalho é uma das marcas do leonino. Ruy persegue **Kuarup** há 15 anos. Sempre encontrou uma pedra no meio do caminho, na forma de falta de financiamento. Bateu de porta em porta e nada. Enquanto isso, ia tocando projetos menos ambiciosos, como **Cândida Eréndira** ou **A Bela Palomera**.

Há uns três ou quatro anos, quase que levou o projeto para a Rede Globo na forma de minissérie. Daniel Filho convidou, Ruy aceitou, mas, dessa vez, a pedra no caminho foi Dias Gomes: achou que era pouco assunto para uma minissérie. Hoje, Ruy ri desse caso: sua maior dificuldade foi exatamente condensar o livro de Callado a duas horas de filme: "Eu faria uma novela com o material do livro, que é, para mim o mais importante de nossa literatura".

O roteiro do filme é de Ruy Guerra e Ruy Lagman, com colaboração de Tayron Freitas e Fernando Peixoto. É, como no livro, a trajetória de Nando, o padre que se debate entre a religião e o sexo, mas, condensada. Alguns personagens tiveram, de ser esquecidos e Ruy já espera reclamações de alguns leitores de Callado: "Vão sentir falta de muita coisa, mas um filme é um filme". No elenco, Taumaturgo Ferreira (Nando), Fernanda Torres (Francisca), Claudia Raia (Sonia), Lucélia Santos (Lidia), Claudio Mamberti (Ramiro), Roberto Bonfim (Otávio), Vinicius Salvo (Gouveia), entre outros.

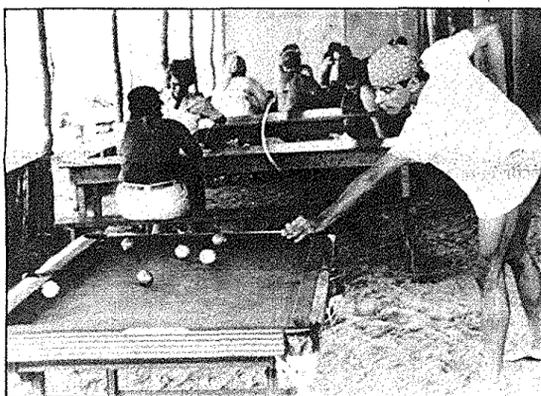
Longo trabalho

Formar esse elenco foi uma preocupação do diretor, "um longo trabalho de elaboração, de ajuste entre o personagem e o ator. Meu questionamento a cada nome foi da questão física a outras, subjetivas". Está contente com os escolhidos, principalmente com Taumaturgo Ferreira. Mas, está absolutamente deslumbrado com Claudia Raia, que interpreta a Sonia, a mulher que fica na selva com um índio (vivido por um **kadiweu** aculturado, Macsuara, que já participou de outros filmes, como **Avaeté**).

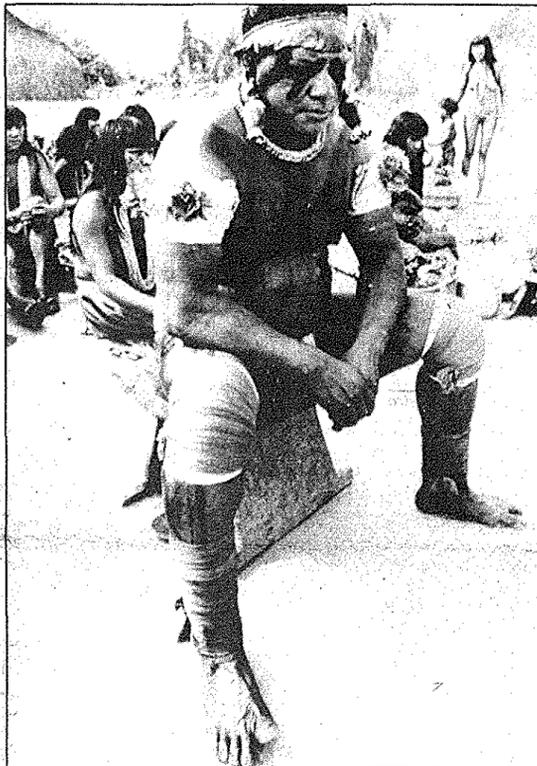
A Sonia é um dos maiores personagens da literatura, apesar de aparecer pou-



Ruy Guerra: a maior dificuldade foi condensar o livro em duas horas de filme.



As equipes de filmagem e da TV que estiveram no Xingu, o ator Taumaturgo Ferreira, num momento de folga, e o descanso do cacique Afukaká, da tribo dos kuitukuros.



co tempo. É uma utopia do homem brasileiro, a mulher boazuda, no limite da utilidade. Claudia Raia me pareceu a única que poderia vivê-la. E me surpreendeu. Tem um grande potencial de atriz, vai ser uma das maiores do Brasil. Ela nem fez tudo que pôde no filme. É uma atriz disciplinada e sensível e, para uma jovem profissional, tem uma técnica fora do comum. Gosto disso. Para seguir minhas marcações rigorosas sem permitir que elas ditem a emoção, é necessário muita técnica.

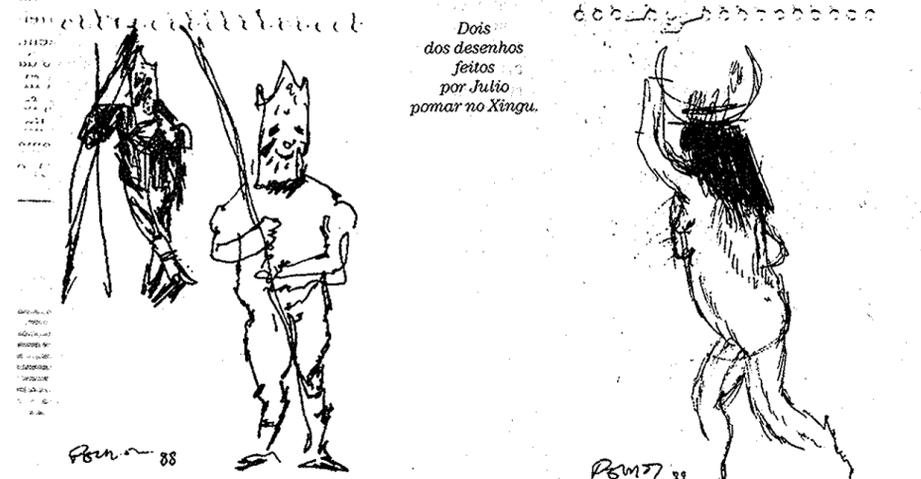
Para Ruy Guerra, a interpretação de Claudia Raia em **Kuarup** vai acabar de vez com o preconceito que muitos ainda têm contra ela por ter uma imagem de atriz "gostosa". Ele acha que Claudia vai surpreender tanto quanto Norma Benguel, que, na sua época, era considerada apenas uma vedete de rebolado — em **Os Cafajestes**. E ainda aposta mais: Claudia poderá ser, no cenário do cinema nacional, uma nova Leila Diniz, por seu alto astral: "Ela faz bem às pessoas com quem trabalha — uma ótima atriz. Exatamente como Leila. Eu mesmo quero tê-la em todos os meus próximos filmes".

O próximo de Ruy Guerra deverá ser **Canudos**, uma ficção sobre a guerra de Antonio Conselheiro. Um outro sonho antigo. Já fez até roteiro, com colaboração de Vargas Llosa, que o escritor peruano acabou aproveitando indevidamente para seu livro **A guerra do fim do mundo**. O diretor acha que Vargas Llosa não tem a menor seriedade de profissional, mas não perdeu tempo com lamentações.

Muitos projetos

O próximo ano tem tudo para ser o ano de Ruy. **A bela palomera**, o trabalho anterior a **Kuarup** deverá chegar finalmente às telas brasileiras. **Kuarup** também estará sendo exibido e o diretor poderá estar envolvido em outro projeto, além de **Canudos**: a filmagem de **Off**, um policial com roteiro seu que teve projeto de financiamento, aprovado pela Embrafilme. Será a primeira vez, em 30 anos de Brasil, que Ruy Guerra filmará com dinheiro de empresa estatal. Ele acha curioso que, apesar de sua carreira ter sido construída sem o apoio da Embrafilme, tenha recebido críticas por essa aprovação.

Tudo porque eu fiz parte de uma comissão da Embrafilme que selecionou alguns roteiros. Mas o meu já tinha sido aprovado; não aplico golpes baixos para trabalhar. **Off** é um projeto simples, poderia fazê-lo até sozinho. Mas, sempre fui discriminado. Enfrento isso sem dificuldades. No Brasil, ser cineasta já é difícil. Ser cineasta e português, então, chega a ser engraçado. Mas, eu vou lutando e sobrevivendo. Acho que há duas maneiras de se enfrentar a vida: como se ela fosse uma corrida de cem metros ou como se ela fosse uma maratona. No primeiro caso, coloco gente como Leila Diniz. Se não morresse cedo, teria de entrar no mito e seu talento teria se desgastado. Eu sou um maratonista, persistente, que não uso a velocidade como arma principal.



Dois dos desenhos feitos por Julio Pomar no Xingu.

Xinguana: os índios nos traços de Julio Pomar.

Quando saiu de Portugal, há dois meses, o pintor Julio Pomar — considerado uma das grandes expressões da arte plástica lusa — pensava em passar uns 20 dias, no máximo, no Brasil. O objetivo era assistir ao **kuarup** no Xingu a convite do amigo, o produtor Roberto Fonseca. Mas não contava com o espírito brasileiro, que não tem nada de britânico. Quando chegou no Xingu, constatou que a cerimônia não seria realizada na época prevista inicialmente. Como não queria perder a oportunidade de conhecer melhor a cultura brasileira, decidiu esperar.

Esperou até a semana passada, vivendo — com a mulher — numa barraca da zona sul do acampamento. Mas não esperou sentado. Começou a desenhar os esboços da série que chama, de brincadeira, de **Xinguana** e que



Julio: Xingu em quadros.

registra o cotidiano dos índios do parque. Julio tornou-se uma figura querida no acampamento, onde montou até atelier numa barraca próxima à sua. Começou com os desenhos, feitos à caneta (não levou um único pincel para

o Xingu porque foi para "sentir", não para dedicar-se o tempo todo ao trabalho) e, depois, passou para as tintas.

Mas, que ninguém pense em óleos. Sobre compensados de madeira, Julio pintou seus índios com tinta usada na cenografia. Vai levar os quadros — que todos olhavam com ar de pedintes — para Lisboa, onde irá desenvolvê-los em telas imensas, como é seu estilo. Adorou o Xingu e aprendeu muito sobre o Brasil. Mais ainda sobre a vida no mato. Nunca tinha acampado nem passado perto de vegetação maior do que gramados. Daí, o vexame que deu na primeira noite no acampamento: quando escutou um barulhinho tipo **zip, zip**, gritou para a mulher: "É um animal". Eram os vizinhos abrindo e fechando o zíper das barracas.